

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

LISBOA Gervasio Lobato, PORTO Luiz de Magalhães COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—Peris Mencheta

COLLABORADORES

Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Amelia Janny, Amceto Sela, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. de Araujo e Silva, Arthur Leitão, A. Ravara, A. Fuschini, Augusto Luso, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Bernardino Machado, Bulhão Pato, Camillo Casello Branco, Carlos L. d'Avilla, Carlos de Moura Cabral, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Cypriano Jardim, Eça de Queiroz, Ernesto Pires, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, Gomes Leal, Guiomar Torresão, Henriqueta Eliza da Fonseca, J. de Magalhães Lima, Jayme Séguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, J. Leal, de Vasconcellos, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, José Echegaray, J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Luciano Cordeiro, Luiz de Guimarães, Luiz Martinez Pacheco, Macedo Papança, Manuel Bernardes Branco, Maria Letizia de Rute (Princesa Ratazzi), Marques Gomes, Marquez de Figueroa, Marquez de Sardoal, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, Pedro Gastão Mesnier, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, Rodrigues de Freitas, S. de Magalhães Lima, Soares Franco (dr.), Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Urbano de Castro, Viscondede Benalcanfor, Visconde d'Ouguella.

Sumario

Lisboa e a Provincia, por Julio Cesar Machado.

Correspondencia de Coimbra, por Alexandre da Conceição.

Espinho, por Pscutt.

Tres cartas, (poesia), por Luiz Guimarães.

Cartas abertas, por A. Sela.

Costa Nova, por Nemo.

Ovar, por Cervantes Junior.

Comboio Mixto, por Carvão.

Serviço Telegraphico, por F.

LISBOA E A PROVINCIA

Não dava Lisboa, n'outro tempo, direito á provincia senão de a acompanhar e de a applaudir. Lisboa abria a bocca, a provincia admirava e dizia logo, jurando aos seus deuses, que tudo era verdade, tão verdade como se viesse já reconhecido pelo tabellião,

Iam de cá mil baleias, possiveis ou impossiveis, filhas da phantasia, da ignorancia, dos preconceitos, servir de caso historico na provincia.

Hoje não é assim.

Conhecem-nos já muito, por lá, e sabem á farta o peso que devem ter as chronicas e informações quasi sempre caprichosas que lhes impingimos...

As cidades são o luxo das nações; não passam d'isso. Aqui veem parar sempre as ambições, as misérias e os erros, e só teem por prenda o entreter a um tempo os olhos, os ouvidos, e as guelras, mercê dos espectáculos, da bulha, e das tabernas.

Ao lado d'isto tudo, por isso mesmo, maior pobreza, mais sordida, mais repugante acotovelando a elegancia descuidosa, a patuscada familiar, aguçando a dentuça, e planejando essas desforras formidandas, em que anda agora a scismar uma porção de povo.

Ao fundo da scena apparecem os jornaes fresquinhos, ainda a cheirarem á tinta da imprensa, que se mette pelo nariz, e faz estontear a cabeça com aquellas palavrinhas senoras ao illustre collega, e ao esclarecido este, ao honrado aquelle, ao sempre generoso povo soberano—e á sua louvavel paciencia, moderação e criterio.

Toda esta coisa fermenta, trabalha, meche-se, e chega a produzir uma panria especial, um encommodo parecido com a febre

dos hospitaes, que se pega das que estão mal aos que estão bem, dos espiritos enfermos aos sãos,—e acaba por uma parlapatice geral.

A vida de Lisboa é tão essencialmente facticia, que só aqui é que podem desabrochar em toda a força e florescencia mil influencias falsas, como a cada instante todos os lados por cá se avistam.

Os ambiciosos, os aldrubios, e os tolos que não teem a bonhomia de ser simplesmente asnos e querem também ser importantes, teem aqui o seu ninho.

A antiga singelesa provinciana já propende também a ir desaparecendo, mas conserva outros dotes que a sustentam ainda e a distinguem; salva-a aquelle mesmo atraso em que os campos hão-de estar sempre em comparação ás cidades; salva-a não sentir tão de perto a acção dos governos; salva-a principalmente a circumstancia de que a politica, que para Lisboa é tudo, tem para o cultivador muito menos importancia do que a chuva, o vento e o sol.

Falla-se por lá no sr. Fontes, também se pode fallar no sr. Braamcamp, mas falla-se mais no trigo: estima-se que o paiz ande bem governado, sorri-lhes sufficientemente a ideia d'um ministerio bem organizado, que offereça duração, mas, como o vaqueiro da Marilia de Dirceu, pensam no vinho, legumes, fructa, azeite, nas brancas ovelhinhas, e na fina lá de que se vestem, tudo coisas que não dependem da regeneração, nem dos historicos, nem de outros—que não sejam historicos, nem regeneradores, nem qualquer outra coisa.

A provincia tem, por consequencia, um fundo de scepticismo politico mais intelligente, mais difficil de se lhe dar volta, do que a curiosidade pascacia da cidade, que é o maior bem que tem!

A pobreza é menos penosa e cruel por lá, do que aqui. Ha menos separação entre os gosos do rico e as privações do pobre, menos tentações reunidas, menos occasiões de despesas, por consequencia melhor ensejo de fazer economias, de juntar peculio, de comprar uma geira de terra.

O defeito principal da provincia é ser monotona: monotona para quem lá vae de visita: para quem lá vive e d'ella vive, por certo que o não é tanto, porque as occupações de dia entretem o tempo e o espirito. E' mais insipida do que as cidades, e não poderia deixar de o ser, mas é-se mais feliz por lá em se propondo uma pessoa a passar sem bulha, e sem dar nas vistas: tudo mais,

modas, originalidade, em se que—encomendam-se.

Destudo o melhor, é ser da provincia e ir para a capital; o filho da provincia brilha a uma distancia, e torna-se propheta na terra—em a deixando. O deputado em Lisboa é tudo! A gente ri-se, mas elle vae para a capital, e lá representa a provincia. O seu representante, festeja-o a proposito de qualquer coisa, e faz gosto em exagerar o patricio. Enfeita-se com elle o amor proprio da localidade; e as vaidades de campanario, com o coroarem-o, coroam-se a si.

Ha tres homens que são a sombra do quadro. Se fosse possível desterral-os, a provincia lucraria immenso; mas, a sorte condemna-a a conserval-os para não a deixar ser perfeita de todo. São estes: Um, que não entende as coisas, e enfastia; outro, que entende de mais, em tudo acha subtilezas e malicia, e toca os nervos; e outro, que nunca a gente sabe se elle entende ou não, e dá vontade de o sovar.

Em Lisboa tem-se poucos inimigos; mas na provincia, tem-se mais amigos!

Dizem-se aqui maldadesinhas, sem haver tempo, nem perseverança, nem animo para ser de veras mau; na provincia as indisposições são mais serias, mais profundas, e mais duradouras; mas, a estima, a lealdade, a dedicação são maiores também.

Tem-se fallado sempre muito do empavementamento provinciano; todavia, Lisboa é, n'isso, como em muitas coisas, completamente provincia. Que maior filancia, do que a ha por cá? Com a differença em nossa desvantagem, de que, os da provincia, ficam inchados quando teem muito, e nós imposturamos... com qualquer coisa.

Já conheci uma gente que principiou de repente a tufar, como diz o povo. Acharam que era pouco ter só uma creada, e tomaram um credito de quinze annos.

Puseram-lhe no casaco uns galões de cadeia estofada e o cordão da campainha da porta, para lhe compôrem com isto uma libré que fosse vistosa. Em se batendo á porta:

—O' Agostinho, estão a bater! gritava a dona da casa.

E dizia depois para as pessoas de fóra que lá estavam:

—Isto de creados são todos os mesmos! D'aqui a pouco ha-de a gente vêr-se obrigada a servir se a si mesma!

Entrava a visita, e, sem mais preparo, levava-se logo a conversação para o assumpto «creados».

—Nós temos um creado novo!
—Ah!
—Temos. Agostinho! O' Agostinho! E Anda cá.

—Ahi vou, minha senhora.
—O' Agostinho, não é verdade que és nosso creado?

—U, sim, minha senhora!
Assim é em tudo por cá. Não basta ter as coisas, é preciso apregoar isso.

Um apregoa a soirée que deu, outro publica nos jornaes a esmola que fez, este recommenda a sua peça, o outro o seu livro... Cada qual annuncia o seu Agostinho.

O provinciano faz rir n'uma coisa ou n'outra, mas não faz rir n'uma—que é a da seriedade da sua vida, a perseverança, a tenecidade.

Vae a poder de paciencia dirigindo-se para o fim a que se propõe em conformidade com a sua esphera, e lá chega.

Aqui temos dois rapazes; um de Lisboa que saiu do collegio e não pensa senão em ter cavallos, beber muito, fazer desordens, e ser illustre no Chiado; outro da provincia, que ao ficar senhor dos bens que tem, trata logo de vêr quaes são os deveres que a sua riqueza lhe impõe. Quer dedicar-se a alguma coisa. Qual ha-de ser! Ahi é que está a duvida; mas a respeito da utilidade do fim a que se propõe, não tem hesitação alguma. E' acanhado, como se costuma dizer; mas por baixo d'esse acanhamento, ha força.

Essa força, é a superioridade da provincia sobre Lisboa!

Julio Cesar Machado.

CORRESPONDENCIA DE COIMBRA

Eu tenho hoje de fazer a chronica de mim mesmo, por que estou absolutamente só em Coimbra, a não ser que a queira fazer da torre solitaria da Universidade, ou da estrada deserta da Beira, que parece suspirar dolorida e inconsolavel de saudades pelos pombos de capa e batina e pelas pombas de puff e telha que por alli arrulham amorosamente em noites serenas de primavera, quando as acacias se desatam em verduras e o Assis em erudição financeira.

Mas para escrever a chronica de mim mesmo eu teria de fazer grandes violencias á minha modestia, que baixa os olhos com recato pudibundo só com a ideia de eu denunciar as minhas perfeições ao publico. Deixarei por isso ainda hoje os meus futuros

biographos na situação angustiosa de lhes não fornecer as appetecidas informações acerca das epochas mais memoraveis da minha vida, desde a data gloriosa do meu nascimento, cuja investigação ha-de custar vigílias suadas a muito erudito, até á data do apparecimento do meu primeiro cabello branco, que me não custou a mim cousa nenhuma, nem mesmo um reles frasco de agua circassiana.

Fallarei por isso do que se passa fora de Coimbra, visto que em Coimbra se não passa presentemente cousa nenhuma.

Um collaborador ordeiro do *Diario da Manhã*—este ordeiro vem aqui apenas como arredondamento ocioso do periodo, visto que o jornal não tem nem quer por emquanto outros—nota com magoa que a ultima revolução de Hespanha custou á nação uns 30 mil contos, não nos dizendo se n'esta somma se inclue a gratificação que o ministro da guerra mandou dar ao soldado assassino do tenente Cebrian. Mas quer tal gratificação se inclua ou deixe de incluir n'aquelles 30 mil contos, o que nós parece extremamente desastrado é que os defensores chibantes da realza pretendam por tal processo inculcar-nos as monarchias, que podem ter todas as virtudes imaginaveis, mas que decididamente não se recomendam pela barateza.

Dando com effeito como certo que a revolução de Badajoz custasse á Hespanha esses trinta mil contos, ella apenas custou a terça parte da somma absorvida pela dotação da familia real, que, consumindo uns cinco mil contos por anno, constitue economicamente o juro perpetuo d'um capital de cem mil contos. Ora era realmente um negocio para tentar dispendir trinta mil contos de capital para nos libertarmos de um encargo annual e permanente de cinco mil contos.

Qualquer caixeiro de loja de molhados, perante um negocio tão evidentemente remunerador, seria capaz de se fazer revolucionario.

Afigura-se-me por isso pouco prudente que os senhores conservadores pretendam defender a monarchia com tão perigosas armas.

Eu, se fosse monarchia, dizia logo a estes paladinos brigões quando os visse mettidos em taes fofas:

Menino, meta lá a espada na bainha, que não gosto d'esse joguinho; sim, por que se não quebra a espada e não se quebra a cabeça?

O partido miguelista deliberou solemnizar este anno o anniversario do seu rico menino—que Deus guarde—não com padrenossos e ave-marias, como era de esperar da sua muita religiosidade, não com missas e te-deums, como lhe pediam os seus gostos ecclesiasticos, não com sermões e cantochão, como o faria prever o seu amor ás cousas da egreja, não—com forcas e autos de fé, como os todos hão mister, mas com um jantar de 101 talheres—numero cabalistico—n'um hotel mundano, que dá indistinctamente pouxada a catholicos e pedreiros livres, a carolas e atheus, o que demonstra da parte do partido miguelista uma tolerancia que raia pela relaxação. Como o feliz dia porem do auspicioso anniversario fosse de jejum de preceito, o partido miguelista deliberou mais que o seu rico fetiche fizesse annos no dia seguinte ao do anniversario do seu nascimento, da mesma forma que ha tempos a associação liberal do Porto determinou que o anniversario da entrada do exercito libertador no Porto fosse a 24 de agosto e não a 9 de junho, data que a historia, sem licença da associação liberal, imprudentemente fixára áquelle acontecimento. Feita aquella rectificação em assentos do baptismo do Senhor D. Miguel II, em homenagem á folhinha e á orelheira de porco com feijão branco, o partido miguelista deliberou mais que uma banda marcial prehenhesse os intervallos do jantar com musicas de diversos auctores infieis, começando pelo hymno do sr. D. Luiz I e acabando com o mesmo hymno, cousa que deu muito que pensar ao *Diario de Noticias*. A nós, com vergonha o confessamos, deu-nos isto pouco que pensar e até achamos que o partido miguelista foi n'este ponto extremamente correcto e conveniente, por que nós não parece que o hymno do Senhor D. Luiz tenha nada de indigesto. Não ousamos asseverar, por falta de experiencia propria, que esse hymno faça o effeito d'um bom copo de Boitter ou tenha as fortes propriedades digestivas da pura mostarda ingleza; mas propriamente indigesto não nos parece que o seja ou pelo menos que esse caso esteja sufficientemente averiguado.

Acho pois que ha uma pontinha de má vontade para com o partido miguelista em todos aquellos que o censuram por elle, n'um jantar de annos em honra do Senhor D. Miguel II—nosso senhor—mandar tocar, antes e depois da paparoca, o hymno do Senhor D. Luiz I. O hymno do Senhor D. Luiz é um bom hymno, que não faz mal nenhum a ninguém, e era preciso realmente que o partido miguelista fosse um partido muito difficil de contentar, como o partido progressista, por exemplo, para estar a fazer biquinho a uma peça tão acceida. Eu por mim não vejo motivos nenhuns para taes escrúpulos e entendo em minha consciencia que o *Rei-chegou* ou o *Piolito* ou mesmo o *Caipira* não podem competir com elle em propriedades appiritivas. Mas ha gente que diz mal de tudo e esta é a grande desgraça da nossa terra.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

ESPINHO

Diz um sujeito qualquer que aqui se acha a banhos, que Espinho é uma nesga do paraizo terreal, trazido não se sabe por quem para este paiz á beira mar plantado. E' ver com muito bons olhos; é ser demasiado optimista.

A' face da razão e do bom senso, Espinho, não é mais do que um logar de uma freguezia sertaneja, cujo prior orienta o seculo antiquado perante n'esta praia. E' uma pura aldeia, mas tem aspirações, ainda que a camara municipal da Feira lhas tolha, e lhe não preste auxilio algum.

N'estes ultimos dias tem chovido muito rasoavelmente, transformando as ruas n'um lamaçal que nenhuma inveja tem ao do Chiado; se alguma differença ha é em o d'aqui se estender a toda a povoação. A Feira porem não quer saber d'isso, e a respeito de calçadas, diz que tem falta de pedra... e de linheiro.

Segundo vi nas gazetas, Aveiro tambem se banquetizou em honra do sr. D. Miguel. Pois por cá não succedeu tanto: apenas consta que no primeiro hotel d'esta praia se fez no mesmo dia um *brinde secreto* com vinho do Porto, offerecido por um dos mais elegantes cavalheiros que ao presente se acham.

O vinho bebeu-se, mas creio que só o tal cavalheiro brindou pelo pretendente; ao contrario dos demais hospedes que acharam melhor brindarem-se mutuamente. E não fizeram mal.

As distrações aqui, são, para variar, sempre as mesmas: Chiado e Assembleia. N'esta reúnem-se todas as noites cerca de trezentas senhoras, e são ellas que animam os *salsifres*, porque os rapazes são uns grandes samsaborões.

Para quem gosta de sensações fortes, ha a *roleta*. Consta que havia este anno ordens apertadas, e que não se jogaria, mas foi com certeza, rebate falso. Joga-se todas as noites, e forte. Era até uma dor d'alma acabar com a *rolêta*, por que, afinal de contas, é a unica cousa que se pode mostrar a quem venha aqui de visita. Caza luxuosa, bom serviço e muito central, que mais é preciso?

Tambem é verdade que tem havido aqui uma cousa que se chama *rusga ás batotas*. E' espectacular, divertido, e chama muita gente para presenciar. Consiste no seguinte: toda a força do destacamento aqui estacionado, cerca a casa da botata, e a autoridade com o commandante da força entra. Ali apenas encontram alguns sujeitos a ler os jornaes, e outros a jogar a manilha. Se ha cousa mais innocente! A *roleta* tem desaparecido assim como o monte para dar lugar á scena a que a autoridade tem que assistir.

A mutação é rapida, e o serviço está bem combinado. Quando a autoridade sabe, começam os commentarios e recomeça o jogo. Já ha dias que não ha *rusga*, o que faz falta para assumpto de conversação.

Projectam-se corridas de cavallos para o dia 26 que promettem ser esplendidas. Na Granja tambem ha corridas no dia 27. Como se vê faz-se a diligencia por matar o tempo. Ha grande animação entre os sportmens o que nos faz suppôr que hão-de ser dois dias agradabilissimos.

Como «mot de la fin» reservei para este logar a noticia de estar entre nós Augusto Machado, author da opera «Laureana», ultimamente cantada em Marselha, com grande successo. Augusto Machado é um rapaz sem

pretensões, e muito amavel; no domingo accedeu elle ao pedido de se fazer ouvir na «matinée» que se realizou na Assembleia, tocando magistralmente dois trechos da sua bella composição. A sua reputação como maestro está feita, para que precise que eu accrescente alguma cousa ao que a imprensa dos dois paizes já escrevem. Limite-me a exclaimar, como os que no domingo tiveram a ventura de o ouvir: BRAVO!!

Pschutt.

TRES CARTAS

Ha um momento em que minha alma anciosa foge da terra pelos céus voando:

E quando eu abro a folha cor de rosa, A carta que ella me escreveu brincando.

Ha um momento em que meu ser se aparta Do céu, envolto n'um pezar infundo:

E quando eu beijo a machucada carta, A carta que ella me escreveu partindo.

Ha um momento em que minha alma inteira Luta nas trevas d'um supplicio horrendo!

E quando eu leio a phrase derradeira Da carta que ella me escreveu morrendo.

LUIZ GUIMARÃES.

CARTAS ABIERTAS

A LA SEÑORITA DÑA DOLORES BALLESTEROS

I

SIN ETYQUETAS

Un escritor muy sentencioso y que queria á lar mujeres casi tanto como te quiero yo, ha dicho, mi bella amiga, que hay algo de mujer en todo lo que agrada.

Te diré el nombre por si quieres pagarle la galanteria, aunque presumo que el premio habra llegar un poco tarde: se llama Dupaty.

Su sentencia ecierra una verdad profunda: el eterno agradable es el eterno femenino, no dirá El Globo (un periódico de Castelar, relacionado á las eternidades.)

Yo añadiría, si me atreviera, volviendo la oración por pasiva, que el femenino, temporal ó eterno, como se quiera, es eternamente agradable.

¿Sabes ya por qué sois las mujeres tan queridas y por qué los hombres os eligen tantas veces para tema de sus pensamientos y de sus escritos?

¡Ah! que son los escritores muy interesados y están seguros de que hablando de vosotras por fuerza han de parecer simpáticos.

Te lo confieso; sólo con ese fin he hablado algo de la mujer, y por esa sola razón queria escribirte ahora unas cuantas cartas que, á la buena de Dios, sin orden ni concierto, fueran expresando infinidad de cosas, unas probablemente nuevas, otras archirepetidas ya, que sobre el asunto tengo pensadas.

Fero no me ha salido este propósito del todo bien. Y tú no sabes, porque para ti todo ha sido—y quiera Dios que sea siempre—felicidad en la vida, no sabes lo que se sufre, cuando al terminar un trabajo emprendido con decisión y fé, se obtiene por todo fruto la seguridad de no cosechar ninguno.

Los filósofos aseguran que ese resultado anima y dá fuerzas para empezar de nuevo. Diles que no: lo que dá, son ganas de desesperarse. Nunca misio ha sacado otra cosa de su continuo ir y venir á la cima de la montaña, llevando la piedra aquélla, perfecto emblema de nuestras ilusiones que tantas veces se precipitan rodando cuantas locamente nos las forjamos.

Eso he sacado yo también. ¿Quieres ver cómo?

Hay en Escocia un juego, especie de baraja misteriosa, que consiste en escribir varias palabras, convenidas de antemano,—Encontró en le preguntó, contestó y el mundo dijo—á las que contestan, por escrito también y á capricho, distintas personas, una á cada una; de donde resultan luego, combinándolo todo, las ocurrencias más peregrinas que puedes imaginarte. Poco hace que unos muchachos amigos tuyos y míos jugaban y, entre otros parecidos, obtuvieron el disparate siguiente, que no deja de tener gracia, sobre todo para las que, como tú, tan devotas sois de la literatura de la señora de Marco:

«Apolo encontró á D.^a Pilar Sinués en la Plaza de Toros. Le preguntó:—¿Como anda eso?—Contestó ella:—«Buena chica te llevas, picaconazo!»—Y el mundo dijo:—¿Qué par de lilas!»

Pues bien;—y perdona las tortuosidades del camino que he traido para venir á esta conclusion—antes de escribir nada, quise saber lo que el mundo dijo acerca de la mujer.

¿Quién es el mundo? Para la generalidad cuatro publicistas, poquisimas veces identificados con el medio en que viven y que casi nunca sintetizan el pensamiento general de su tiempo.

Con esta base tomé sobre mi la árdua tarea de hacer lo que por ahí se llama—muy mal llamado, por cierto—estudiar un asunto.

Revolviendo libros, hojeando revistas, entresacando artículos del inmenso farrago de periódicos con que aturden á uno diariamente, me he pasado un año entero estudiando la mujer...

Y cuando quiero escribir de ella—¡si me habré enterado!—tengo que dejar esta carta sin título, sin etiqueta, por no saber cual ponerle.

¡Naturalmente! No era la mujer lo que yo estudiaba y ahora veo claro por qué de tantos afanes, he sacado lo que el negro del sermón que es lo menos que puede sacarse en estos meses de calor.

¿De qué pueden servir Michelet, Dupanloup, Girardin, Catalina, Dumas, Palmella, Faxire, C. Arenal, Descuret, Balzac, Stuart Mille, Pothier, Legouvé, Karr, tantos e tantos como de la mujer han escrito, si, lo mismo que todo, para estudiar la mujer hay que dejarse de libros y... estudiarla? Estudiarla á ella misma y no sus referencias.

¿De qué modo?

D'après nature, como dice una amiga mia muy pedante, que ha leído mucho á Blasco; del natural, como decimos los profanos.

—¡Ah! ¡Ah! ¡Ah! ¡Estudiarnos! ¡Estudiarnos d'après nature! ¿Con qué derecho nos tomarás por texto?

Ya sé que vas á decirme esto. Muchos han sostenido que á la mujer no se la estudia se la adivina; que los angeles no son susceptibles de análisis.

Son los mismos que exclaman entusiasmados, siempre que de vosotras se dice algo:

¡Oh! ¡La mujer! La mujer es la parte más bella de la creación, la rosa misteriosa escapada del hermoso seno de los angeles para venir á perfumar la vida de los mortales, el sueño dorado de la juventud, la eterna inspiración del genio, la gloria del poeta, la inmortalidad del héroe, la síntesis de las perfecciones (1).

O los que repiten constantemente la frase feliz de Campoamor.

Los angeles amasan en el cielo

La pasta con que se hacen las mujeres.

Pero, mira, no te fies de Campoamor. Es muy amigo de adularos y os hace flores solo por el placer de hacerlas.

Debes recusar también el testimonio de los que viven muy felices al lado de una buena esposa, ó de una amante cariñosa, son poco imparciales y todo lo ven de buen color.

A sensu contrario, yo no haria caso tampoco de los que han llevado calabazas; tienen siempre agravios que vengar y suelen satisfacer su pasión en todas cuando no pueden desgarrar el corazón de la ingrata que se las ha dado.

Mas á los que se ponen á modo de barrera delante de la mujer, para que nadie intente conocerla, temiendo que al descifrar el enigma se deshaga el encanto, á esos particularmente habria que decirles que no necesitais para nada de sus servicios, porque ni habéis de ser siempre divindades ignotas, adoradas en fuerza del misterio, ni perderéis un átomo de valor cuando las nubes que os envuelven se aclaren y desaparezcan.

Por ese lado vuestro estudio no ha de ofrecer inconvenientes.

Ahora, que el conoceros sea empresa difícil, muy difícil, no seré yo quien lo niegue. Hace años que me dolia de lo mismo en un articulo dedicado á nuestro querido Enrique, que habrás leído en el *Semanario de las familias* y de entonces acá he aprendido muy poco; mejor haria en decir que nada.

Posible es, más que posible, facilísimo, que, tras mucho observar y largo estudio, tengamos que decir lo que el insigne Revilla decia de más altos problemas:

(1) Palmella. A Aristocracia do genio e da belleza.

Aún vive en las sombrías soledades
La Esfinge que á los hombres extremece,
Pasan los siglos, pasan las edades,
Y el enigma velado permanece!

Podrá la Esfinge continuar muda; podrá
el misterio seguir siéndolo; podrá el velo per-
manecer corrido; podremos ser impotentes
para conocer á la mujer.

Pero intentémoslo al menos, querida ami-
ga mia, seguros de que, lógrese ó no nuestro
propósito, antes, y después, y siempre, se ha
de decir con Victor Hugo: «He ahí la mujer;
he ahí el cielo».

¿Qué otra cosa podría decirse conocién-
dote á tí?

A. SELA.

COSTA NOVA

Meu bom amigo e senhor:

Eu estou bem longe de colorir a minha
phrase com as bellas tintas que imprime ás
suas chronicas a correspondente de Espinho.
Estou muito longe mesmo de poder fallar-lhe
e com tanta proficiencia e tão bellas phrases
admiravelmente recortadas na lingua de Cer-
vantes, de assumptos opulentos e graciosos.
Não obstante, deixe-me dizer-lhe alguma cou-
sa d'esta praia a que anda ligado o nome
d'um dos homens que s. ex.^a mais considera,
e que foi no seu paiz a legitima encarnação
da grande alma popular, nobre, purissima e
immaculada.

Estão aqui bastantes familias de Aveiro
e d'outros pontos do concelho. Pela concor-
rencia que augmenta de dia para dia, esta
praia de dia para dia se vae animando. Nes-
tes dias claros e transparentes os passeios na
ria são o maior enlevo dos mais buliçosos ba-
nhistas. Que tambem se faltasse este opulen-
to lago, que está sempre a desafiar a gente
para umas diversões pacatas e simplicissimas
se não fosse isto, que é uma verdadeira ri-
queza, a costa tornava-se d'uma monotonia
assustadora. Das familias que aqui estão, ape-
nas algumas convivem e se reúnem. As ou-
tras, por demasiadamente aferradas aos seus
habitots, a uma existencia recolhida e grave,
levam aqui a mesma vida, sem alterar uma
virgula, que tem habitualmente nos seus so-
lares. E' isto o que succede.

Estão aqui alguns bons portuguezes ve-
lhos, que tem as honras da praia. Isto não é
uma novidade. Succede assim todos os annos.
Por demasiado conhecidos, e sufficientemen-
te populares os seus nomes, não me detenho
a annuncial-os.

Quero que elles fiquem com esta gloria,
na paz pedre das suas almas bem formadas.

Os rapazes, esses são sempre... o que
são: umas eternas primaveras; primaveras
formidaveis e luxuriantes são elles. Apesar da
escassez do assumpto, não se sente amedron-
tada a sua phantasia creadora e fecunda. Eu
sei, eu sei, que mais d'uma idea, — e que
ideias! — lhes povoa a imaginação ardente, na
pujança agora e no vigor altivo dos verdes
annos felizes. Que elles, esta, pequena *jeu-
nesse dorée*, plantada á beira do oceano, e ca-
paz de tornar fecundas estas areias soltas, —
que elles, no meio das suas travessuras se
não esqueçam de honrar aquelles que como
tem os escriptos nas mellenas. Sim, porque
nós que estamos já velhos, nós que sabemos
apenas passear a nossa rotundidade á beira
rio, no nosso passo arrastado, nos sómos ho-
je, o que elles virão a ser algum dia.

Vou concluir esta carta simploria, escri-
pta á luz bruxuleante do crepusculo, a umas
horas taes que já só mal se avistam os pinhei-
raes da Gafanha envoltos n'um veu sombrio
que se vae tornando mais espesso de momen-
to para momento. Concluo lembrando que o
mez de setembro vae em mais de meio. E'
preciso que a regata annual, com bandeiro-
las e balizas na ria, não fique no rol do es-
quecimento. E' uma tradição que compre
respeitar, e não deve passar ao numero das
cousas em que nunca mais de falla. *Noblesse
oblige*

E aqui está como eu sem me aperceber,
estou tomando um lugar talvez destinado a
passageiro de mais alta viaja. Apeio-me desde
já da *Locomotiva* para cumprimentar o dire-
ctor da mesma.

NEMO.

OVAR

Dizia-te eu que, domingo, o movimento
no Furadouro tinha sido espantoso. Ondas

de pessoas estendiam-se pela areia. Houvera
pesca.

Do mar vinham cordas de redes e rapa-
zes na frente cantolavam rythmicamente,
n'um passo militar, misturando-se pragas dos
homens que mandam. Bois pachorrentos iam
tirando as cordas, vagarosamente, sulcando
fundamente a areia, soltando por vezes um
ah!... de desespero, de quem diz mal da
vida, para voltar pacientemente á faina con-
tinua.

O sol ia morrendo, extenuado d'um largo
prazer gozado, o disco alodgado, amortecido,
d'um dourado esvaído entre nuvens azuladas,
como fundas olheiras.

Fazia-se noite.

Gente retirava-se a pouco e pouco, des-
nudava por graus o movediço areal.

A lua, — uma bola de marfim tocada ti-
tanicamente das bandas do Oriente, — rolava
brandamente pelo azul avelludado, flacido.
Passava como uma branca e etherea virgem
das balladas escocezas. Era a tecedeira do
conto chim, a qual vinha, a pouco e pouco,
desdobrando a sua larga teia de alvo linho.

O mar tinha a apparencia d'um grande
espelho de aço brunido, onde se reflectiam,
encontrando-se confusamente, como n'um la-
byrintho, montanhas de nuvens negras.

Na assembleia muito animada, o ar mu-
to quente, com um cheiro caustico de acido
sulphydrico e de acido carbonico de velas ar-
dendo, dançava-se alegremente, gravemente,
as mais das vezes, como n'um baile grandio-
so d'um antigo fidalgo, onde ministros apu-
rados fazem *vis-à-vis* a calvos commendado-
res, e marquezinhas franzinas, dedos afilados
e pesinhos *cambrés*, n'uma meuda *allure* ele-
gante, dando o braço a condes esgrouviados,
o ar altivo, d'uma sobranceira propria.

Voltava-se, n'umas largas espiraes es-
treitando-se, como *rosas* d'um parafuso, na
assembleia, onde tem rebentendo, n'uma flo-
rescencia farta, surgida, á tona, opulentas gros-
serias chatas.

Por exemplo, o outro, sabes? o outro...
Não o conheces, de certo, por este nome,
nunca o viste mais gordo: mas jámais te di-
rei o seu verdadeiro nome, por que não o co-
nheço de outra maneira, depois que, ha tem-
pos, lhe bradei, como o almocreve da ane-
docta ás orelhas do burro: — *Je te connais,
beau mâle!*

Pois o outro, conhecido por muito ama-
vel, muito boa pessoa, etc. etc. disse a uma
senhora, com muito boas maneiras, muito
adocicadas, disse, como um gato vergonhoso,
muito limpo, que cobre porcarias, o risinho
amarello, d'uma hypocrisia accumulada, nos
labios, que s. ex.^a não sabia tocar, que se re-
tirasse do piano.

E se não foi elle que o disse, mandou
dizel-o, acabou-se! Elle, o outro, que dedi-
lha no piano magistralmente, com o mimo
d'um grande artista apaixonado, d'um fino
sentimento arroubador, as *Fofas de Angeja*
e o *Pirolito*, que bate, elle que peneira na
densa escuridão opaca do futuro, no que res-
peita ás grandes difficuldades da larga esca-
daria dos sons do, re, mi, fa, sol, e vice-versa,
elle, muito ancho na sua sciencia musical,
n'uma *emflure* de maestro celebre, rival d'um
Chicá, um *Fartura* da musica, dizia, subindo,
a alguém que descia a escada: — *Aquillo é in-
supportavel!* — Referia-se a uma senhora que
se preparava para cantar.

N'um grupo, senhoras mordiam regala-
damente na vida dos outros, regaleiravam se
acções, discutiam-se modas, desempoeiravam-
se genealogias, estendiam-ee pergaminhos.

— Este anno, não vem...

— Quem? O Romeu?...

— Ora... Dizia a primeira tristemente,
muito saudosa.

Uma outra, erguendo mais a voz, domi-
nando a grupo, para a senhora que cantava:
— Era melhor que fosse para casa cantar aos
filhos... Depois, voltando se para o grupo,
continuou mais baixo: — Pois é verdade!...
O bebado!... Sempre mostra quem é!...
Foi por causa d'um... d'um... d'um gato!
Pois, não sabem? teve a pouca vergonha de
me dizer que não era mais do que elle!...
O farroupilha!... O bebado!...

No entanto, fóra, gritos revolucionarios,
vermelhos, estouravam roucamente, explo-
siam como nitro-glycerina: — *Abaixo o canu-
do! Fora o canudo!*

Pelas viellas estreitas corriam incendia-
rios pacatos, — valha a verdade, — um tanto
deshonestos, — tambem é mister dizel-o, —
que resumiam-se a gritar, como acima. Per-

guntei a razão d'estas *étourderies*, que pica-
vam frescamente a atmosphaera. Uns peque-
ninos risos maliciosos apimentavam os gri-
tos, cuja explicação soube depois.

Não a garanto; mas affirmaram-me que
qualquer individuo para ser socio tem de
apresentar os seguintes documentos: certi-
dão do parocho, e dita do regedor, provando
o seu bom comportamento moral, civil e re-
ligioso, e certidão do registo criminal, e...
pergaminhos.

Nada mais sensato, nada mais justo e
conforme com a ordem.

Sim, senhor! Embora, meu, caro leitor,
me chames conservador cattura, obstrue o
nista de má morte e *tutti quanti* nomes feios,
protesto, (agora estou escamado), protesto
contra a sedição invejosa, contra a berraria
obscena dos excluidos. Protesto!

Rigidos Catões austeros, puros Fabricios
moralisadores joeiraram pela elastica rede,
de malha desigual, da conveniencia publica
e do *savoir-vivre*. A honestidade fidalga foi o
padrão. Quem não chegou, não podia entrar.

Nada mais justo e conforme com a or-
dem!

E se elles, os nihilistas vareiros, peque-
nos *bamboches* de conho carregado, *costumés*
diversamente, de *plolichinello*, uns revoltosos
que só clamam, pedirem a v. ex.^a, sr. Dele-
gado de saude, para inspecionar *aquillo*, to-
mando providencias contra o cholera, não ve-
nha, por Deus! não venha, sr.! Elles não
tem razão, os que, como a raposa do mytho,
fallam, barafustamente, porque não podem
entrar; elles não tem razão!

Protesto, pois, mais uma vez contra os
gritos no Furadouro, onde «ha raridades di-
gnas de se verem», segundo a opinião auc-
torisada e conspua do correspondente de
Espinho para o *Ovarense*.

Oh! que raridades!...

Agora le mot de la fin.

Ha dias, — murmurava-se —, uma creada,
na assembleia, levou duas bofetadas por ter
o ingenuo atrevimento de vir e preitar da va-
randa o salão e ser tão infeliz, a ponto de
tocar, *à son insu*, n'um pedaço de azulejo que
caíndo, magoou alguém.

Lembro-me, a proposito, que um rude
pregador aldeão, selvatico, foi uma vez con-
vidado para pregar um sermão de S. Thiago.

Fazia um tempo tenebroso.

O trovão rolava espaçadamente, fortemen-
te, como o estertor d'um titán revolvendo-se
furioso, convulsamente, debaixo do peso enor-
me d'uma grande serrania.

As bategas de agua caíam ruidosamente,
engrossando torrentes, que saltavam, galopa-
vam pelas pedras lisas escorregadias dos mon-
tes.

O bom do padre, por causa das lamas,
calçou uns velhos tamancos, com a appare-
cia d'uns verdadeiros *sabots*, tomou atalhos,
encurtou caminho por azenhas, muito acon-
chegado n'um capote de um bom par de an-
nos, que fizera quando tomara ordens, muito
farto, muito largo, com uma gola de velludo
deslavado, e sustentando vigorosamente n'uma
das mãos um descommunal guarda-chuva de
paninho barato, cheio de fendas e de orifi-
cios, por onde a chuva caía em gottas, uma
a uma, meudamente, como que rufando no
velho chapen alto, russo do tempo e gastado
do uso, com amolgaduras na copa e a despe-
gar-se d'esta, na frente, a aba, amarella de
dedos sujos de rapé.

Subiu ao pulpito, mas de tamancos ain-
da, e começou, n'um gesto desmanchado, n'uma
voz roufenha, muito nasal, a desenrolar os
grandes milagres que o santo fizera em bem
do augmento e encorramento da doutrina da
santa Igreja Catholica Apostolica Romana,
etc. Traçava a vida cavalheiresca do citado
santo, descrevia vivamente as suas façanhas
e... tudo o que antiga Musa canta, e, mui-
to entusiasmado, para pintar ao vivo os
grandes feitos heroicos do sobredito, cavalga
na grade do pulpito. (oh!...) Um dos ta-
mancos cae sobre a cabeça d'uma beata, que
se queixa desesperada: O sr. padre! olhe
que me aleijou. — Calle-se mulherzinha! res-
ponde este, eu tambem me aleijei aqui...

E não me consta que o padre levasse bo-
etadas.

CERVANTES JUNIOR.

Comboio Mixto

Um pedacinho de historia do reinado de
Isabel II:

«Durante el reinado de D. Isabel II fue-
ron pasados por las armas, por sucesos poli-
ticos, los individuos siguientes:

Siendo ministro Espartero, un ex-minis-
tro de marina, dos generales, un brigadier,
un coronel, un comandante, tres capitanes,
diez sargentos y cuatro paisanos: total 23.

Mandando Gonzalez Bravo, un secretario
de gobierno, dos capitanes, tres subtenientes,
un cabo, un soldado y cuatro paisanos: total
14.

En tiempo de Narvaez, un general, tres
comandantes, diez capitanes, dos subtenien-
tes, un sargento, dos cabos, cinco soldados y
68 paisanos: total 92.

Siendo O'Donnell Presidente del Consejo
de ministros, un general, un coronel, un ca-
pitan, dos sargentos y ocho paisanos por los
sucesos de San Carlos de la Rápita, Loja y
Villarejo de Salvanés. Por la insurrección del
22 de Junio no sabemos a punto fije el nu-
mero de sargentos que fusiló, pero bien po-
demos fijarlo en 50: total 63.

Total general de los individuos fusilados
durante el reinado de D. Isabel 192.

Com toda a seriedade perguntamos a Af-
fonso XII:

—Que conseguiu su real madre con tanta
sangre? Não foi cair em Alcolea?

A imprensa de todos os matizes tem ac-
centuado as imponentes e expressivas orações
de que foi alvo na Madeira o seu deputado
republicano Manuel d'Arriaba.

E diga-se ainda que na Madeira não ha
republicanos!

Recebemos e muito apreciamos o n.º 18
do *Memorial de Ingenieros del Ejercito*, pre-
ciosa revista scientifica que se publica em
Madrid.

A *Stampa*, de Roma, noticia que os re-
dactores do *Napoles-Ischia* enviaram a Mr.
Rochefort uma carta, concebida nos termos
seguintes:

«Senhor. — Recolhi o artigo que nos en-
viaste para o nosso album. Devolvendo-lh'o,
é com o fim de não lhe darmos o direito de
nos recordar cobardemente o concurso que
prestou a uma obra de caridade.»

O sr. A. de Gubernatis, que está collec-
cionando para esse album os autographos dos
mais distinctos escriptores da Europa, tinha
já em seu poder o de Rochefort, que escre-
vera estas linhas:

«Nos terrenos vulcanicos nascem as al-
mas de fogo. A Italia, sem o Vesuvio e os
terremotos, talvez não tivesse tido por filhos
Bruto, Christovão Colombo, Miguel Angelo e
Garibaldi.

Henri Rochefort.

Angelo de Gubernatis devolveu-lhe o au-
tographo com a explicação adjuncta:

Florença, 6 de setembro.

Senhor. — Arrastado pelo primeiro impul-
so da generosidade, vistas na causa de Casa-
micciola uma causa humana; e foste o pri-
meiro, de entre os escriptores francezes, a
responder ao meu apello.

Hoje, visto parecer que lastimae o con-
curso que a França presta a uma obra hu-
manitaria, e que tomaes esse concurso como
pretexto para insultar o meu paiz e o meu rei
não deveis estranhar que devolva o vosso au-
tographo, já sem valor algum para mim, e
que viria profanar o album da caridade inter-
nacional, cuja publicação empreendi.

Em Veneza, na sala do Grande Conselho
onde se achavam expostos os retratos de to-
dos os doges, occupando o lugar correspon-
dente ao de Marino Faliero, via-se um throno
atapetado de negro, no qual se lia este disti-
co: «Foi aqui o lugar de Marino Faliero, de-
capitado em consequencia de seus crimes.»
Com effeito, Marino Faliero foi traidor á sua
patria. No album internacional ficará tambem
um espaço em branco, para memoria de um
crime de lesa-humanidade, — o espaço em que
deveria figurar o vosso nome.

Carvão,

SERVIÇO TELEGRAPHICO

Madrid, 25 6 e 15 da t.

Ministro foram á Granja onde jantaram
com a Rainha. E' provavel que a China of-
fereça á França o reino d'Annan, guardando
para si Fonkini.

F.

